
Relações tofílicas em *Poemas de Becos de Goiás e Estórias Mais* e *Villa Boa de Goyaz*, de Cora Coralina

Giovana do Carmo Gonçalves Guimarães¹
José Elias Pinheiro Neto²

Resumo: O objetivo principal deste artigo é refletir sobre as relações tofílicas na Cidade de Goiás, em seus becos, por meio de duas obras da poeta Cora Coralina: *Becos de Goiás e estórias mais* e *Villa Boa de Goyaz*. Para tanto, foram selecionados os poemas: “Lembranças de Aninha”, “Todas as vidas”, “Becos de Goiás”, “Beco de Vila Rica”, “Minha cidade” e “Rio Vermelho”, que, sob o olhar feminino, com sua poesia expressiva e singular, apresenta-nos este espaço percorrido em suas memórias de escritora, dando-nos a oportunidade de ser conhecido entre suas tradições e transgressões. Essas ligações afetivas nos permitem realizar um estudo de valores culturais e sociais, partindo da identificação dos moradores deste lugar. Neste espaço de convivência, de acordo com os poemas analisados, encontramos as movimentações de suas vias estreitas, sujas e úmidas, num espaço revirado onde os escravos fazem seus batuques, prostitutas recebem os homens da sociedade, as mulheres transitam entre casas, crianças são castigadas por suas desobediências e o “amigo” Rio Vermelho é sempre lembrado. Neste breve artigo, há a intenção de demonstrar a relação entre o sujeito lírico e a Cidade de Goiás, num tempo e memória de muitos personagens articulados num espaço autoficcional, vivido e rememorado por Cora Coralina sem o princípio de veracidade, mas sem aderir plenamente à invenção, uma ambiguidade de realidade e ficção numa escrita de si e do outro na forma mais original de se (auto)expressar, valorizando a relação homem e lugar permeado pela imaginação e pelo processo de construção identitária e cultural.

Palavras-chave: Cora Coralina. Vivência. Beco. Topofilia. Memória.

TOPICAL RELATIONSHIPS IN POEMS OF *BECOS DE GOIÁS E ESTÓRIAS MAIS* AND *VILLA BOA DE GOYAZ* BY CORA CORALINA

Abstract: This study aims to reflect about the tophobic relationships in the City of Goiás, in its alleys, through two works of the poet Cora Coralina: *Becos de Goiás and more stories* and *Villa Boa de Goyaz* in the poems: “*Souvenirs of Aninha*”, “*All lives*”, “*Becos de Goiás*”, “*Beco de Vila Rica*”, “*Minha cidade*” and “*Rio Vermelho*” which, under the feminine gaze, with its expressive and singular poetry, presents us with this space navigated in her memories as a writer, giving her the opportunity to be known

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Língua, Literatura e Interculturalidade (POSLLI) pela Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Cora Coralina. E-mail: giovana_prof@hotmail.com.

² Pós-doutorado em andamento no Programa de Pós-Graduação Integração da América Latina da Universidade de São Paulo (USP). Docente da Universidade Estadual de Goiás do Câmpus Cora Coralina UnU/Itapuranga e no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Língua, Literatura e Interculturalidade (POSLLI). Editor-Chefe do periódico digital *Building the way* (ISSNe 1519-7220). Integrante do Grupo de pesquisa: Geografia, Literatura e Arte (GEOLITEART) com sede na Universidade de São Paulo. Interessa-se por pesquisas na área de aproximação entre ciência e arte e estudos de Literatura Brasileira. E-mail: joseliaspinheiro@gmail.com

among their traditions and transgressions. These affective connections allow us to carry out a study grounded on the cultural and the social values, based on the identification of the inhabitants of this place. In this coexistence space, according to the aforementioned poems, we find the movements of its narrow, dirty and humid roads, in an overturned space where slaves do their drumming, prostitutes receive men from society, women go and return one from the house of another, children are punished for their disobedience and the “friend” Rio Vermelho is always remembered. In this brief study, the intention is to demonstrate how the relation between the lyrical subject, in a time and memory of many characters articulated in a self-fictional space, lived and remembered by Cora Coralina without the principle of veracity, but without fully adhering to the invention, an ambiguity of reality and fiction in a typical writing of herself and the other through the most original way of (self) expressing themselves, valuing the relation between man and place permeated by imagination and by the process of construction of cultural identity.

Keywords: Cora Coralina. Experience. Topophilia. Memory.

Introdução

A Cidade de Goiás, lugar em que viveu Cora, possui ruas que ostentam uma arquitetura colonial própria, são estreitas, irregulares, com ladeiras, calçamento de pedras, seus becos e suas estórias, e ainda o Rio Vermelho. Essas características da cidade foram contadas por Cora Coralina, uma escritora goiana, uma mulher, idosa e doceira, que com sua poesia se fez conhecida e com seus versos simples foi mostrando uma realidade vivida. Em muitos de seus poemas, vai tecendo emoções e se fazendo entendida em sua escrita humana, sem as fronteiras do ter, mas baseada no ser e no amor pelo lugar que a fez voltar amadurecida pela vida e do qual, durante muitos anos distante de Goiás, guardou lembranças dentro de si, escrevendo singelos versos para que sua poesia pudesse ser eternizada.

Diante dessas breves considerações, este artigo tem como objetivo refletir sobre as relações topofílicas (TUAN, 1983, 1980, 1974) nos becos da Cidade de Goiás, por meio de duas obras de Cora Coralina: *Becos de Goiás e estórias mais* e *Villa Boa de Goyaz*. Mais precisamente, os poemas analisados são: “Lembranças de Aninha”, “Todas as vidas”, “Becos de Goiás”, “Beco de Vila Rica”, “Minha cidade” e “Rio Vermelho”. Acredita-se que, ao estabelecer uma aliança entre a poesia e o espaço, uma análise pautada no conceito de topofilia contribui para desvelar os aspectos líricos e socioculturais acerca do interior de Goiás.

1 Topofilia nos becos de Goiás com Cora Coralina

Cora Coralina, com a delicadeza de mulher, conduz o leitor a uma viagem aos seus becos de Goiás, trazendo em seus poemas valores inesquecíveis para si. Utiliza-se dos becos para se reconhecer e entender em qual espaço se encontra e fala com propriedade a partir dele. Para Tuan (1983, p. 151), “o espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significados”. As mudanças que ocorreram nesses becos podem ter transformado o modo de vida dos moradores, mas não as relações com o lugar. Essa valorização se dá por meio das práticas cotidianas, de sentimentos, e suas construções de linguagens, a partir de suas experiências e valores: “É uma mistura singular de vistas, sons e cheiros, uma harmonia ímpar de ritmos naturais” (TUAN, 1983, p. 203).

Nos poemas de Cora Coralina, tudo é mediado pela imaginação e pelas representações simbólicas. No processo de construção de identidade, as personagens acabam por gerar um sentimento positivo em relação ao beco. E é essa relação de construção e afetividade que Tuan (1980, p. 4) descreve pelo termo topofilia, que diz respeito ao “elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico”.

Esse sentimento relacional da pessoa com o lugar é evidente na poesia de Cora Coralina. A poeta demonstra, na estrutura de seus versos, a resistência em manter os acontecimentos de seus becos, de pessoas que destinaram ali parte de suas vidas emocional e física. Nesse transcurso de tempo, relutando em não abandonar suas lembranças, para manter uma memória e um sentimento de valorização do ambiente, nessa contemplação da vida passada, sendo identificados como história local o cotidiano e as suas representações, Cora Coralina estabelece uma relação entre infância vivida e os becos de Goiás.

Os apegos ao lugar, à Casa Velha da Ponte, às ruas estreitas e aos becos úmidos são representados pelo simbolismo e experiências pessoais, podendo exibir traços de uma poesia mnemônica. Como efeito, no poema “Cântico de Aninha”, em seu quinto verso, o eu lírico estimula sua memória buscando uma associação de fatos já experimentados: “Ainda vejo/ Ainda sinto/ Ainda tenho/ na mão fechada [...]” (CORALINA, 2001, p. 21).

Estes espaços de memórias são acolhedores, carregam em si características de um determinado tempo. Cada rua, cada bairro, cada edificação traduz as marcas das

peças que compuseram a sua realidade. Cora Coralina (2001, p. 181), em “Lembranças de Aninha”, traz consigo essa alusão:

Eu os vejo, através das lentes da recordação. Os urubus. Nos telhados e muros da cidade abriam suas negras asas espanejando suas penas chuvadas, para retornarem ao vôo alto. As vezes, vinham doentes, claudicantes, comboiados pelos parceiros em círculo, “planejando o vento”, dizia a gente mais antiga da cidade. Baixavam na velha cajazeira do quintal, tomavam seus fôlegos, passavam para a murada, depois para a terra.

Todos são, na verdade, centros de significados, uma visibilidade que representa todo o saber e a vivência do humano. Esse sentimento topofílico mitifica as ruas e os becos da cidade, reconstruindo “todo errado de minha terra” (CORALINA, 2014, p. 93) em versos e, com um posicionamento crítico em uma poesia esteticamente híbrida e informal, a poeta promove a cidade de Goiás mundo afora. Quando abre seu livro *Becos de Goiás e histórias mais* (2014, p. 23), Cora descreve um modo diferente de ver seu livro florescer:

Este livro pertence mais aos leitores do que a quem o escreveu. Que o saiba sempre em brochura, ao alcance de crianças, jovens e adultos, que mãos operárias repassem estas páginas e sintam-se presentes, junto à mulher operária que as elaborou. Que possa ultrapassar cidades e alcançar a alma sertaneja, levando minha presença-terra aos enxadeiros e boiadeiros que tanto me ensinaram. Que entre em casas das mulheres marcadas pela luz vermelha [...] possa ser lido em prisões e levar ao presidiário a última página deste livro num apelo de regeneração e na minha oferta de fraternidade humana. Tenha ele sempre uma apresentação simples e sugestiva e, por muito tempo, possa viver fora das encadernações de luxo entre lombadas hieráticas e dourados bonitos.

E é assim que se vê refletida a poeta Cora Coralina, mulher, escritora e doceira que, desse olhar do Rio Vermelho que cresce e se faz ponte, conhece os becos, esses lugares intermediários e as vidas que o compõem. Quando volta à cidade de Goiás, viúva, com filhos já criados e com um olhar feminino, prudente e sensato, volta às lembranças de um passado sentido e vivido em seu tempo de criança. Encanta e conta sua cidade entre o concreto e o imaginário, resgatando a história de Goiás, representando o lugar, contendo uma carga emotiva, ligada ao tempo de vivência, dando sentido à identidade do “eu”, relacionando os acontecimentos nos tempos de pompas, ouro, mulheres, escravos, prostitutas, lavadeiras, meninos lenheiros. Essas minorias que ganham vida e significados em sua poesia nos versos que compõem o poema “Todas as

vidas”:

Vive dentro de mim
a lavadeira do Rio Vermelho.
Seu cheiro gostoso
d’água e sabão [...]
Vive dentro de mim
a mulher cozinheira.
Pimenta e cebola. [...]
Vive dentro de mim
A mulher do povo.
Bem proletária [...]
Vive dentro de mim
A mulher roceira,
Trabalhadeira
De pé no chão,
bem parideira. [...]
Vive dentro de mim
A mulher da vida
Tão desprezada [...]

Todas as vidas dentro de mim:
Na minha vida –
A vida mera das obscuras.
(CORALINA, 2014, p. 31-33).

Cora Coralina apresenta os becos como uma representação de poder, em que essa minoria – anônima em relação a esta sociedade estratificada pelo ouro e pelas pompas – ganhava destaque, circulava livre. Esses becos, em suas vias estreitas, eram úmidos e escuros, ligavam as ruas, aproximavam as casas, possuíam muros altos, chão de pedras hoje centenárias, mas possuíam uma beleza singular, nasceram das muitas histórias pessoais e representam a experiência humana vivida e sentida. Nesses becos, contam os mais velhos, tem poesia, tem romance, tem Aninha. Cora Coralina, em seu poema “Minha cidade”, retrata todo o sentimento topofílico com o lugar:

Goiás, minha cidade...
Eu sou aquela amorosa
De tuas ruas estreitas [...]

Eu sou aquela mulher,
Que ficou velha,
Esquecida,
Nos teus larguinhos e nos teus becos tristes,
Contando estórias,
Fazendo adivinhação.
Cantando seu passado.
Cantando teu futuro.

Eu vivo nas tuas igrejas

E sobrados,
E telhados,
E paredes.

Eu sou aquele teu velho muro
Verde de avencas [...]

Eu sou essas casas
Encostadas
Cochichando umas com as outras. [...]

Eu sou o caule
Dessas trepadeiras sem classe,
Nascidas na frincha das pedras:
Bravias. [...]

Eu sou a dureza desses morros,
Revestidos,
Enflorados [...]
Minha vida,
Meus sentidos,
Minha estética,
Todas as vibrações
De minha sensibilidade de mulher,

Têm, aqui, duas raízes.
(CORALINA, 2014, p. 34-36).

Neste poema, Cora Coralina escreve com simplicidade de palavras e evidencia a relação de topofilia com o interior de Goiás. Quando usa o pronome “minha”, dá a ideia de afetividade por ter a cidade de Goiás como o seu local de nascimento. Em seguida, usa o “eu” e o “sou”, pronomes que metaforizam a voz lírica deixando marcado o seu sentimento de amor por sua cidade, fundindo o eu presente e o eu passado numa representação de afetividade ao se referir à cidade natal.

Estes espaços multifacetados falam pelos orifícios da máscara dos que viveram em situação de inferioridade, mas que não se calaram, e fizeram desse lugar de desprivilégio uma vivência empoderada entre o viver a tradição e a transgressão. O beco compõe certa liberdade de vivências, de significados tão comuns e incomuns de si, somados a uma construção social, que passam a ser utilizados para a estruturação da identidade de suas personagens.

Essas personagens fazem do beco um lugar marcado pelas relações, pela cultura, pela história e pela memória. E Cora Coralina vai contando, em seus versos, essa busca pela legitimação dos excluídos, mal afamados, que, num passado rememorado, revela esses registros de formas de vida acompanhados pelas histórias místicas de uma época guardada, que possui sentidos, saberes, em que vários pontos se cruzam, de forma

individual e coletiva, entre o ficcional e o histórico nos becos na obra de Cora Coralina. São esses acontecimentos marcantes na vida dos indivíduos que os levam a se relacionar com a localidade e a afetividade, ligando-os ao tempo de vivência no lugar. Essa relação de afetividade é apresentada nos versos de Cora Coralina como representação de vida em “Becos de Goiás”:

Amo a prantina silenciosa do teu fio de água,
Descendo de quintais escusos
Sem pressa,
E sumindo depressa na brecha de um velho cano.
Amo a avenca delicada que renasce
Na drincha de teus muros empenados,
E a plantinha desvalida, de caule mole
Que se defende, viceja e floresce
No agasalho de tua sombra úmida e calada.
[...]

E aquele menino lenheiro ele, salvo seja.
Sem infância, sem idade.
Franzino, maltrapilho,
Pequeno para ser homem,
Forte para ser criança.
Ser indefeso, indefinido, que só vê na minha cidade.

Amo e canto com ternura
Todo o errado de minha terra.

Becos da minha terra,
Discriminados e humildes,
Lembrando passadas eras...

Beco do Cisco
Beco do Cotovelo
Beco do Antonio Gomes
Beco das Taquaras
Beco do Seminário
Bequinho da Escola
Beco do Ouro Fino
Beco da Cachoeira Grande
Beco da Calabrote
Beco do Mingu
Beco de Vila Rica [...]

Becos da minha terra...
Becos de assombração.
Românticos, pecaminosos...
Têm poesia e têm drama.
O drama da mulher da vida, antiga,
Humilhada, malsinada.
Meretriz venérea,
Desprezada, mesentérica, exangue.
Cabeça raspada à navalha,
Castigada a palmatória,
Capinando o largo,

Chorado. Golfando sangue.
(CORALINA, 2014, p. 92-95).

Embora Cora Coralina utilize, no poema acima, o verbo “amo” no tempo presente, bem como empregue o adjetivo “amorosa” no poema “Minha cidade”, ela traz uma aproximação dos espaços da cidade e dos becos. E ainda que mencione, em seus versos, palavras que podem significar negatividade, fica evidente a relação de amor que o eu lírico estabelece com a terra, revelando uma ideia de intimidade e de identificação.

Em seus versos, Cora Coralina remete a caminhos que, mesmo não percorridos por ela, apresentam-se na paridade do outro, cúmplices de uma vida à margem. Observa e ama esses becos de forma natural e simples, declama a vida interna desse lugar, colocando a marginalização do beco em contraste com a beleza em sua poesia. Para Tuan (1974, p. 129), “os lugares são produtores de imagem para a topofilia, possuem um estímulo sensorial que, ao agir com a imagem percebida, dá formas às nossas alegrias e ideais”. São, entre outros motivos, esses laços de afetividade que ligam o humano, abstrata ou concretamente, ao lugar vivido, que despertam sentimentos e conduzem os poetas.

Desse modo, é como se o espaço fosse revivido e permanecesse vivo por meio dos versos, é uma relação de amor por esses lugares que são criados liricamente com os espaços da memória, resultando numa relação de afetividade entre o que é lembrado, a imagem criada e o afeto aos espaços que são reconhecidos em sua poesia. A representação desse espaço, não precisamente físico, e o caminho que o eu lírico percorre transparecem um sentimento nostálgico, pois é possível sentir nele o acolhimento e o apego ao passado que, para Cora Coralina, torna-se uma espécie de abrigo, no qual ela foi acolhida nas três fases de sua vida: menina, mulher e idosa.

São essas representações que, além da visão, nos fazem ver e interpretar o que há ao redor; é o sentimento que a poeta tem pelo rio, que a inspirou a escrever muitos de seus poemas. Como exemplos, há dois poemas com o mesmo título “Rio Vermelho” em dois de seus livros: *Villa Boa de Goiás* (2003) e *Poema dos becos de Goiás e estórias mais* (2014). Em ambos, ela descreve a ponte que liga seu destino e traça sua vida:

Longe do Rio Vermelho.
Fora da Serra Dourada.
Distante desta cidade,

Não sou nada, minha gente.

Sem o rebuço, falo sim.
Publico para quem quiser.
Arrogante digo a todos.
Sou Paranaíba pra cá.
E isto chega a mim.

[...]
Rio Vermelho – eu rio.
Rio que atravessei um dia
(Altas horas. Mortas horas.)
Há cem anos...
Em busca do meu destino.
(CORALINA, 2014, p. 79-83).

Longe de ti, oh!, Rio Vermelho da saudade, meus olhos têm sede das tuas águas, meus ouvidos anseiam pela tua voz brandiciosa e sedativa que despertou complacenteas ilusões de minha adolescência... Oh! Águas antigas e tranquilas! Corréis, corréis e eu vendo-vos correr, ouvindo-vos cantar, fiava e desfiava sempre a teia luminosa de meus sonhos. (CORALINA, 2003, p. 103).

Em seu poema, Cora Coralina fala do Rio Vermelho e suas águas como uma forma de representação poética de sua cidade, a cidade de sua infância e de seu abrigo na velhice. Nessa perspectiva, os espaços da cidade enfatizam o que o eu lírico vê nele, assim este espaço é amado, vivido e percebido, tendo uma significação mais específica. Desse modo, Cora Coralina constrói um sentido de espaço do Rio Vermelho como representação. Ela o usa como porta-voz de sua poesia, representando seus laços afetivos vinculados ao espaço de sua vivência e intimidade.

Cora Coralina sentiu e viveu a cidade de Goiás. Em diferentes maneiras, fez dela o seu lugar de segurança, buscando em cada espaço a vivência que o eu lírico teve nesse lugar, conduzido pelo sentimento positivo e tecendo o seu elo afetivo. Neste espaço de topofilia, ela o vive, tem nele a representatividade do lar, da volta.

Considerações Finais

A proposta deste artigo foi o de realizar uma análise poética, sendo consideradas as relações afetivas demonstradas por Cora Coralina com o espaço da cidade, com maior ênfase em seus becos, por meio de duas obras da poeta: *Becos de Goiás e estórias mais* e *Villa Boa de Goyaz* nos poemas: “Lembranças de Aninha”, “Todas as vidas”, “Becos de Goiás”, “Beco de Vila Rica”, “Minha cidade” e “Rio Vermelho”.

A análise e as descrições dos espaços da cidade são um dos aspectos mais

relevantes nos poemas acima citados, pois contribuem para o entendimento da construção da poesia de Cora Coralina, uma vez que sua obra procura constantemente representar a vida no interior de Goiás, precisamente na cidade de Goiás. Assim, é possível entender, no recorte dos poemas escolhidos, uma associação entre os espaços de sua cidade, seu tempo e sua memória, evidenciando a temática da topofilia porposta por Tuan.

Cora Coralina, por meio de seus versos, possibilitou o reconhecimento das especificidades de outras vidas, vidas caladas, violadas, silenciadas. Memórias de gerações que se cruzam no tempo e se tornam repletas de significados. A partir dos becos, esta convivência entre os opostos passa de uma lembrança a particularidades de sentimentos existentes. É notável que o ser humano tem por necessidade olhar para o passado buscando um entendimento do eu pela identificação com seu lugar de origem.

Lugar invisibilizado tem sua valorização, tornou-se espaço vivido, conhecido, cheio de relevância, por meio do acréscimo do sentimento topofílico, e contribui para a formação da identidade dos becos de Goiás.

A pretensão do artigo foi mostrar a aliança entre poesia e espaço, partindo da topofilia para evidenciar os aspectos líricos, bem como os socioculturais, que se referem ao interior de Goiás, especificamente na cidade de Goiás nos versos de Cora Coralina, o “diamante goiano”, referenciada por Carlos Drummond de Andrade.

REFERÊNCIAS:

CORALINA, Cora. **Poema dos Becos de Goiás e estórias mais**. 23. ed. São Paulo: Global, 2014.

CORALINA, Cora. **Estórias da Casa Velha da ponte**. 13.ed. São Paulo: Global, 2006.

CORALINA, Cora. **Vintém de cobre: meias confissões de Aninha**. 7. ed. São Paulo: Global, 2001.

CORALINA, Cora. **Villa Boa de Goyas**. 2. ed. São Paulo: Global, 2003.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: DIFEL, 1983.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1980.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: DIFEL, 1974.